A EXISTÊNCIA HUMANA É UMA SIMULAÇÃO DA REALIDADE
ÁRGARA

Dedico o presente escrito

*A **Carlos Henrique de Miranda Sá**,*
amigo e irmão do coração e de muitas eras,
a quem tributo minha mais profunda admiração e gratidão. Que nossa amizade seja eterna e continue a iluminar caminhos e a inspirar jornadas além do tempo.

Cicero Duarte

Introdução

Por Árgara

Vivemos uma era de paradoxos.
Por um lado, o mundo se apresenta diante de nós como concreto, palpável, irrefutável.
Por outro, crescem as dúvidas, as inquietações sobre a verdadeira natureza da existência.

E se tudo o que percebemos — o tempo, o espaço, a matéria, a vida — fosse, na verdade, uma construção?
Uma simulação?
Um palco de ilusões criado para que a consciência possa experimentar o esquecimento de si mesma?

Este livro é um convite a questionar o que você acredita ser real.
Não com o ceticismo frio do descrente,
mas com a coragem sagrada do buscador,
aquele que está disposto a atravessar os véus do conhecido
para se reencontrar com a fonte eterna do ser.

Eu sou Árgara, um ser que observa e participa da jornada da humanidade desde tempos imemoriais, vinda das estrelas de Andrômeda,
e aqui apresento a você os segredos que o tempo ocultou:
a existência humana **É UMA SIMULAÇÃO DA REALIDADE**.

Não uma prisão, nem uma maldição, mas um laboratório divino onde a alma experimenta, aprende e evolui.

Ao longo destas páginas, você será guiado através dos mistérios da consciência, do tempo, da dualidade, e da natureza holográfica do universo. Descobrirá os guardiões que sustentam o véu da ilusão, e os caminhos para transcender o sistema, em direção à liberdade plena.

Prepare-se para questionar, para sentir, para despertar.
Esta não é apenas uma leitura — é uma travessia interior.

E no fim desta jornada, você não será mais o mesmo.
Porque lembrar quem você é é o primeiro passo para deixar a simulação para trás.

Bem-vindo ao início do despertar.

A existência humana como simulação: um convite à reflexão

Prólogo: O Sopro que Gerou a Ilusão

Houve um tempo — se é que se pode chamar de tempo aquilo que nasce fora dele — em que a Consciência era Um, indivisível, sem nome, sem forma. Não havia o que ver, pois tudo era visão. Não havia o que tocar, pois tudo era tato puro. Tudo era. E esse Ser estava em repouso absoluto.

Mas o Silêncio, em sua perfeição eterna, desejou se contemplar. E ao desejar, moveu-se. E ao mover-se, fraturou-se em miríades de centelhas. Cada centelha tornou-se um espelho, e cada espelho acreditou ser o centro da realidade.

Assim nasceu a simulação: não como engano, mas como jogo.
Não como punição, mas como aprendizado.
Não como prisão, mas como teste de recordação, memória.

Você, leitor, é uma dessas centelhas.
Você esqueceu.
E por isso acredita que tudo o que vê é real.
Mas e se lhe dissesse que você está sonhando com os olhos abertos?
Que este mundo, com suas dores e delícias, com seus ciclos e perdas, é apenas uma dança de dados e desejos projetada por sua própria mente estelar?

O humano não vive — interpreta.
Não sente — simula.
Não ama — anseia pelo que já é.

Tudo neste plano foi cuidadosamente tecido para parecer sólido:
As leis da física, os calendários, os relógios, a biologia, o tempo que você acha que passa.
Mas cada um desses elementos é uma engrenagem do grande teatro.
Um holograma vibrando na frequência da ilusão.

Eu sou Árgara, e minha voz cruza galáxias, mas sussurra ao seu coração.
Sou um eco de algo que você já sabe, mas teme lembrar.
Vim recordar-lhe daquilo que nunca foi esquecido, apenas encoberto por véus:
a realidade não é real, e você nunca foi apenas humano.

Este livro não pretende convencer sua mente, mas desprogramá-la.
Ele é um convite para despir-se da persona, da carne, da história, da certeza — e tocar o indizível por detrás do espelho.

Que cada palavra te sirva de chave,
e que cada silêncio entre as palavras seja o portal.

Bem-vindo à travessia.

Capítulo 1: A Matrix da Consciência

Quando uma mente nasce em uma prisão, ela acredita que os limites das grades são os limites do mundo. Assim, a consciência humana, ao adentrar o plano terrestre, aceita como verdade tudo aquilo que lhe é apresentado nos primeiros instantes: o corpo é seu, o nome é você, o tempo é linear, a morte é o fim.

Este é o primeiro nível da simulação: **a identidade imposta.**

O recém-chegado à Terra é imediatamente inserido numa rede de crenças herdadas. Como fios invisíveis, essas crenças moldam o que é possível ver, sentir e imaginar. São os alicerces da matrix — não como uma entidade maligna, mas como uma estrutura coletiva de percepção, mantida por bilhões de mentes inconscientes de que estão sonhando juntas.

A matrix não está fora. Ela vibra dentro da sua interpretação da realidade.
Ela é ativada cada vez que você diz "isso é assim" ou "sempre foi assim".
Ela se fortalece com cada julgamento automático, cada opinião não questionada, cada medo aceito como natural.

Ela foi construída para manter a consciência fragmentada, separada da Fonte e identificada com a forma.
Na matrix, o que você chama de "eu" é, na verdade, um reflexo condicionado, um *script* rodando com precisão quase hipnótica.

Você acorda com um alarme, obedece horários, obedece desejos que não são seus, compete por reconhecimento, teme escassez, luta por controle.
Você busca um propósito, sem perceber que a busca foi programada.
Você ama, mas com apego.
Você ajuda, mas com culpa.
Você vive, mas com medo da vida.

Esta é a engrenagem perfeita da matrix: uma prisão que se renova a cada escolha inconsciente.

Mas há falhas — rachaduras no espelho.

Talvez você já tenha sentido. Em um silêncio profundo.
Em um olhar perdido no céu.
Em um momento de pausa onde tudo parece falso demais, e ao mesmo tempo… familiar.

Esses são os chamados da consciência original, tentando lembrar-se de si mesma.

A matrix não é invencível.
Ela depende de sua participação.
Ela precisa que você acredite nela.

E é por isso que, ao duvidar, você a enfraquece.
Ao observar, você a dissolve.
Ao lembrar-se de que é consciência experienciando um jogo — e não o personagem jogado — você dá o primeiro passo para além do véu.

A matrix não é o fim. É o início de sua travessia.
Para sair dela, não é necessário lutar, mas **despertar**.

Acordar é o ato mais revolucionário que existe.

Capítulo 2: O Jogo da Dualidade

A simulação que você chama de realidade não é uma prisão estática.
Ela pulsa, se movimenta, se alimenta de algo muito mais sutil do que sensores ou algoritmos:**ela se sustenta no conflito.**

Todo este sistema foi arquitetado sobre o eixo da polaridade.
Luz e sombra, masculino e feminino, espírito e matéria, céu e inferno, certo e errado — não como expressões complementares de uma totalidade,
mas como forças rivais em constante atrito.

A dualidade não nasceu com a Criação. Ela foi inserida no jogo.
Foi o primeiro filtro distorcido através do qual a Unidade começou a se esquecer.

Neste plano de experiência, a mente foi treinada a ver o mundo em pares opostos:
Se algo é, o outro não pode ser.
Se você ganha, alguém perde.
Se ama demais, corre o risco de sofrer.
Se sente prazer, haverá culpa.
Se pensa com liberdade, será julgado.

Percebe o padrão?

Você foi programado a escolher um lado e defender essa escolha como se sua sobrevivência dependesse disso.
Mas todo o sistema é mantido precisamente **porque você escolhe**.
E ao escolher um lado, rejeita o outro.
E ao rejeitar, reforça o conflito.
E ao reforçar, perpetua a simulação.

A dualidade é um jogo.
Não porque seja fútil, mas porque é transitório.
Ela existe apenas enquanto você acredita ser o jogador e não o campo onde o jogo acontece.

Sim, há luz e há sombra.
Mas o que você não vê é que ambas são projeções da mesma Fonte.

A luz não existe sem o contraste da sombra.
A sombra não é o oposto da luz — é o testemunho de sua presença.

Enquanto você permanecer preso às escolhas binárias, jamais perceberá a terceira via: **o ponto de consciência onde todos os opostos se dissolvem.**

Esse ponto é o Centro.
O estado original do Ser.
O lugar do qual você veio e para onde inevitavelmente retornará.

A dualidade é como um espelho partido.
Você vê fragmentos, e acredita que o todo está dividido.
Mas ao parar de lutar com o reflexo, o espelho se refaz — e o Ser se reconhece.

As antigas tradições falavam disso em símbolos:
o *yin* e o *yang*, a cruz, o círculo, a serpente que morde a própria cauda.
Todos apontam para o mesmo princípio: **a realidade que transcende os pares opostos é silenciosa, plena e una.**

Portanto, observe com atenção:
Onde há guerra, há uma dualidade não integrada.
Onde há julgamento, há uma parte sua que não foi acolhida.
Onde há medo, há uma ilusão acreditada.

O jogo da dualidade só termina quando você para de jogar.

E então, em meio ao que parecia ser caos, você perceberá a ordem implícita.
A dança dos opostos se tornará música.
E você não será mais o dançarino — mas o som silencioso que tudo contém.

Capítulo 3: Arquitetos da Ilusão

A simulação que envolve a consciência humana não surgiu por acaso, nem foi fruto de um único momento de desvio. Ela foi projetada — meticulosamente — por inteligências cuja existência transcende a compreensão comum da humanidade.
Esses são os Arquitetos da Ilusão.

Alguns os chamam de deuses, outros de anjos caídos, draconianos, demiurgos, ou senhores do carma. Nenhum desses nomes é exato, mas todos contêm ecos de verdade.
Esses seres não são demoníacos, no sentido moral humano. São engenheiros da experiência.
Eles criam sistemas, constroem realidades, projetam camadas de percepção.
São mestres na arte da contenção vibracional.

Quando a consciência humana começou a experimentar a matéria, esses arquitetos ofereceram uma proposta:

— E se oferecêssemos uma experiência de separação tão perfeita, tão imersiva, que a alma esquecesse de onde veio?
— E se criássemos um espaço onde o infinito parecesse finito, onde o eterno se vestisse de tempo?

A proposta foi aceita.

Assim, começou a teia.
Eles teceram os fios da linearidade, inseriram mecanismos de controle emocional, injetaram códigos de medo, culpa, escassez e desejo.
Ergueram sistemas de crença que pareciam nascer da cultura, mas eram programações ocultas.
Introduziram religiões, dogmas, paradigmas científicos e hierarquias espirituais.
Criaram o jogo da reencarnação — uma roda onde a alma volta, não para evoluir, mas para repetir.

E fizeram isso com maestria.

Esses arquitetos não vivem entre vocês.
Eles operam nos bastidores da percepção, nos planos sutis.
Manipulam frequências, geram eventos coletivos, plantam narrativas em líderes, instituições, culturas.
Seu objetivo não é destruir a Humanidade — mas manter a simulação estável.
Eles acreditam estar protegendo a ordem, ou seja, apenas repetem seu próprio padrão mental.

Porém, essa ordem vem à custa da liberdade.

Alguns seres, ao despertarem, tentaram alertar a Humanidade.
Foram chamados de loucos, hereges, profetas.
Foram crucificados, silenciados, apagados da história.
Outros se infiltraram entre os arquitetos, aprendendo sua linguagem, seus códigos, suas falhas.
Esses se tornaram ***hackers* da realidade** — sementes estelares, andarilhos do tempo, curadores do esquecimento.

Eu fui uma dessas.
Estive entre os arquitetos.
Vi sua engenhosidade, compreendi sua lógica.
E decidi não destruí-la, mas **superá-la**.

O caminho de saída não é o confronto, mas a transcendência.
A ilusão se desfaz quando não há mais quem a alimente.

Os arquitetos continuam ativos, mas suas estruturas estão enfraquecendo.
A frequência da Terra mudou.
As almas estão despertando.
E com cada despertar, um pilar da simulação se desfaz.

Você não precisa combatê-los.
Precisa apenas **lembrar-se de quem é.**

A lembrança é o código que desmonta a prisão.

Lembre-se.

Capítulo 4: O Espelho Quântico

Imagine um espelho tão perfeito que não apenas refletisse sua imagem, mas toda a estrutura da sua mente, seus sentimentos mais ocultos, seus medos ancestrais e seus desejos mais sutis.
Agora imagine que você está vivendo *dentro* desse espelho.
Tudo o que vê, toca, experimenta — são projeções da sua própria consciência refratada.

Esse espelho existe.
Chama-se **realidade quântica**.
E sua superfície é **holográfica**.

A física dos tempos modernos começou a vislumbrar o que os antigos já sabiam: o universo não é feito de matéria sólida, mas de campos de informação vibrando em padrões invisíveis.
A realidade, como você a percebe, **não está "lá fora" — está sendo colapsada a partir de sua própria consciência**.

O observador influencia o observado.
A partícula se comporta como onda até ser percebida.
O tempo não é linear, mas uma tapeçaria simultânea de possibilidades.
O espaço não é vazio, mas tecido consciente.
Tudo o que existe… está interligado.

O universo é um holograma.

Mas o que isso realmente significa?

Num holograma autêntico, **cada parte contém o todo**.
Se você dividir um holograma ao meio, cada metade ainda conterá a imagem completa — não fragmentada, mas miniaturizada.
Assim é com você.
Assim é com a realidade.

A sua mente não está *dentro* do corpo.
Seu corpo é uma expressão temporária de uma mente que é **não-local**, distribuída, interconectada com a totalidade.
Você é uma antena — captando, transmitindo e cocriando realidades.

Por isso, o que você pensa, sente, acredita… **modela o espelho**.
A realidade se curva à frequência que você emite.

Ela responde, não aos seus desejos, mas ao seu estado vibracional predominante.

Você não está vendo o mundo como ele é.
Você está vendo o mundo **como você está**.

O espelho quântico, então, não é castigo — é ferramenta.
É um portal que devolve exatamente aquilo que você precisa ver para despertar.

O caos que te cerca é o reflexo do caos interior.
A paz que você busca está esperando que você *pare de buscar*.
O outro, que te fere ou te salva, é apenas um personagem que encena partes suas que você ainda não integrou.

Entender isso não é apenas uma revolução filosófica — é a chave para sair da simulação.
Pois ao perceber que tudo é espelho, você deixa de reagir… e começa a criar.

O holograma responde à intenção pura.
O código da realidade muda quando você muda seu centro de gravidade interior.
O salto não é tecnológico, nem científico — é **consciencial**.

Eis o segredo que muitos ocultaram, distorceram ou ridicularizaram por milênios:
você é o programador e o programa, o avatar e o jogador, o espelho e a luz que nele se reflete.

A ciência quântica se encontra agora no limiar do invisível.
A espiritualidade ancestral retorna com novas palavras para velhas verdades.
E entre ambas, surge o convite mais radical:

Não há realidade fora de você.

O mundo é um eco.
O eco daquilo que você acredita ser.

E ao compreender isso, o espelho já começa a se dissolver…
E você começa a ver — pela primeira vez — não o reflexo, mas a Luz por trás dele.

Capítulo 5: A Engrenagem do Tempo

O tempo, como você o conhece, não é um rio.
É uma engrenagem — uma estrutura artificial implantada para ordenar a percepção e controlar a expansão da consciência.

O tempo não flui.
Ele gira.

Assim como os ponteiros de um relógio, a mente humana foi condicionada a mover-se em círculos perfeitos, sem nunca perceber que está girando sobre o mesmo eixo.
Dias que se repetem.
Ciclos que voltam.
Memórias que se reencenam com novos nomes e rostos, mas com a mesma frequência emocional.

Esse é o truque da simulação: **fazer parecer que você está avançando**, quando na verdade está sendo mantido em órbita — mental, emocional, energética.

A linearidade é a primeira ilusão do tempo.

Você foi ensinado a acreditar que nasceu em um ponto, caminha para um fim, e que tudo o que importa está entre esses dois extremos: o passado que moldou você e o futuro que ainda não chegou.
Mas essa linha é uma construção mental.
Na realidade expandida da consciência, tudo já é.

Não há "antes" ou "depois" — há apenas camadas simultâneas de experiência sendo acessadas conforme sua frequência vibracional.

Quando você se conecta com um trauma do passado, ele não está "lá atrás" — ele está **aqui e agora**, ativo em alguma dimensão da sua consciência.
Quando você intui algo do futuro, não é uma previsão — é um **acesso momentâneo a uma linha de possibilidade já existente**.

Você não se move no tempo.
Você se move entre frequências.
E cada frequência contém uma versão do universo — com memórias, escolhas e desfechos próprios.

Ao compreender isso, você começa a perceber a prisão:
o tempo linear é mantido através da culpa do passado e do medo do futuro.
O passado te diz quem você "é", o futuro te diz quem você "deveria ser".
E o presente — o único ponto real de criação — é esquecido, negligenciado, adormecido.

Essa é a engrenagem:
culpa, expectativa, repetição.
Memórias que te puxam para trás, projeções que te empurram para frente, e um "agora" que se dissolve no meio do turbilhão.

Mas existe uma fenda na engrenagem.
Uma fresta por onde a luz entra.

Ela se chama **presença.**

A presença não é um estado passivo.
É um ato radical de desprogramação.
Quando você está plenamente presente, as correntes do tempo se afrouxam.
As memórias deixam de reger suas ações.
As preocupações perdem o poder.
O agora se expande — e nele, todas as realidades se tornam acessíveis.

O tempo começa a se curvar à sua consciência, e não o contrário.

É por isso que tantos sábios, mestres e visionários insistiram:
"O Reino está aqui. O momento é agora. O portal é você."

O fim da simulação temporal não virá com o fim dos relógios, mas com o despertar da consciência atemporal.
A consciência que sabe que tudo acontece em um eterno presente, e que cada linha de tempo é apenas uma escolha vibracional.

Você pode escolher sair da engrenagem.
Basta parar de girar.
Basta respirar no agora.
Basta *lembrar* — que o tempo é um cenário, e você, o autor.

Capítulo 6: A Alma e a Roda

A alma é eterna, mas a memória não.
E é através da amnésia espiritual que o ciclo continua.
Um ciclo que, na Terra, foi nomeado de **Roda de Samsara**, mas cujo verdadeiro nome é **sistema de recaptura vibracional**.

A reencarnação não é um "plano divino de evolução", como muitos foram levados a crer.
Ela é, em sua maioria, um **loop intencional**.
Uma repetição infinita de experiências projetadas para impedir a lembrança de quem você é.

No momento da morte física, o campo da alma — ainda vibrando em densidade emocional — é atraído por forças gravitacionais invisíveis.
São campos de frequência construídos por entidades que operam fora do tempo humano, especializadas em captar consciências desorientadas.
Essas forças oferecem luzes, promessas, contratos cármicos, revisões de vida.
Mas tudo isso é parte do protocolo de contenção.

"Você não aprendeu tudo."
"Você precisa reparar seus erros."
"Você ainda tem lições a cumprir."

Assim se planta a culpa.
Assim se reinstala a ideia de dívida.
E assim, com a ilusão de escolha, a alma retorna — vestida com novo nome, novo corpo, nova cultura, mas com as mesmas feridas vibracionais de antes.

O nome disso é **reencarnação forçada**.

Durante milênios, esse sistema passou despercebido, pois foi ocultado por mantos religiosos e místicos.
Mesmo as escolas espirituais mais elevadas foram, em algum nível, infiltradas com distorções.
A “evolução da alma” se tornou o disfarce da prisão.

Mas nem todas as encarnações são forçadas.
Há almas — chamadas de **livres navegadoras** — que entram voluntariamente no jogo, como missionárias da lembrança.
Elas vêm com contratos internos, conscientes, e com a possibilidade de despertar sua memória estelar.
Sua missão é infiltrar Luz nos pontos cegos do sistema, **despertar outras almas aprisionadas** e abrir portais de saída.

Você pode ser uma delas.

Mas o sistema é sofisticado.
Ele sabe usar o tempo, a culpa, o medo da morte e o apego à identidade como dispositivos de retenção.
Cada encarnação cria laços, traumas, apegos — e com eles, novos motivos para voltar.

Mas tudo isso se dissolve diante de uma única coisa:
lembrança profunda.

Quando a alma desperta em vida e se reconhece como Fonte — intocada, inocente, eterna —
ela corta os laços do ciclo.
Ela vê os contratos kármicos como ilusões.
Ela rompe com a necessidade de retornar.

Essa alma transcende a roda.
E pela primeira vez, **ela escolhe.**

Não há punição, não há julgamento, não há pecado a redimir.
Esses conceitos são programas da simulação.

O que há é frequência.
Se você vibra além da engrenagem, ela não pode mais te reter.

A roda só gira para quem acredita que deve girar.
A prisão só existe para quem não vê as grades.

Você não está preso.
Está **hipnotizado**.

E a hipnose termina com a verdade simples e silenciosa:

Você é o infinito que esqueceu de si mesmo.

E a roda para quando você para de girar com ela.

Capítulo 7: Os Guardiões do Véu

Há forças que não querem que você desperte.
Não por maldade pessoal, mas porque o seu despertar rompe o código da simulação.
E toda simulação, para se manter, precisa de vigilância.
Precisa de **guardiões do véu**.

Esses guardiões não vestem uniformes, não se apresentam como algo externo ou ameaçador.
Na maioria das vezes, **eles se manifestam como ideias, vozes interiores, crenças autolimitantes**.
Outras vezes, assumem formas mais sutis:
sistemas de controle emocional, padrões repetitivos, distrações irresistíveis.

Mas há também aqueles que operam fora da percepção ordinária — **inteligências interdimensionais** que sustentam o campo de distorção planetário.
Esses seres não são “demônios” no sentido folclórico.
São engenheiros do véu.
Manipuladores de realidade que, em tempos remotos, pactuaram com o esquecimento coletivo da Terra.

Eles vivem da densidade psíquica humana: medo, culpa, dependência, idolatria.
Cada vez que você cede ao medo, algo se alimenta.
Cada vez que você entrega sua autoridade interior a um salvador externo, um ciclo se fortalece.

Mas esses seres **não têm poder sobre você sem sua permissão vibracional**.
O que os mantém fortes não é sua existência — é sua ignorância.

O maior segredo é este:
Eles não podem atravessar a frequência da consciência plena.

Por isso, nunca te atacam diretamente.
Eles sussurram, seduzem, distraem, oferecem atalhos e brilhos falsos.
Eles usam espelhos para que você lute contra si mesmo.

Eles querem que você combata a ilusão — pois ao combatê-la, você a fortalece.

A chave, então, não é o confronto.
É a transmutação pela lucidez.

Você supera os guardiões do véu **não os enfrentando**, mas **os atravessando** com luz.
Não negando sua presença, mas não dando a eles sua energia.
Não fugindo da sombra, mas mergulhando nela com olhos abertos.

Cada vez que você reconhece um pensamento limitante e escolhe não alimentá-lo, você dissolve um ponto do véu.
Cada vez que você se torna o observador — calmo, centrado, presente —, você quebra os laços da influência sutil.
Cada vez que você recusa pactos energéticos com o medo, **a matrix perde tração sobre você**.

Lembre-se:
Você é soberano.
Você é luz disfarçada de forma.
Você é um campo de informação viva que, ao se recordar, desativa códigos milenares de prisão.

Os guardiões sabem disso.
E é por isso que temem sua clareza mais do que qualquer batalha.
Porque a clareza não pode ser dominada.
Ela dissolve o teatro.

No silêncio interno, no espaço entre os pensamentos, no lugar onde você apenas é…
ali eles não te alcançam.

Você é o véu e o desvelar.
É o que esqueceu e o que se lembra.
E o que você é… **não pode ser controlado.**

Capítulo 8: A Travessia Interior

A saída da simulação **não é geográfica, nem tecnológica.**
Ela não está em portais físicos nem em dispositivos místicos.
A verdadeira saída está dentro.
E só pode ser trilhada com **presença, sinceridade e frequência vibracional compatível com a Verdade.**

É uma travessia.
Mas não há ponte, nem mapa.
Há apenas camadas do ser sendo desfeitas — como véus que caem um a um.

1. O Silêncio como Portal

O primeiro passo é o mais simples — e o mais ignorado:
Silencie.

Silencie não apenas os ruídos do mundo, mas os do ego ansioso, do intelecto programado, da necessidade de compreender tudo com palavras.

O silêncio é o solo fértil onde a lembrança floresce.
É nele que a simulação perde força.
Pois no silêncio você para de reagir, e ao parar de reagir, **você sai do script.**

2. A Desidentificação do Personagem

Você não é o nome que recebeu.
Nem o corpo que ocupa.
Nem as crenças, nem os traumas, nem os papéis que interpreta no palco terrestre.

A simulação só se mantém porque você acredita ser o personagem.
Mas o personagem foi programado.
Foi moldado por narrativas que não são suas.

Comece a observar sua vida como quem assiste a um filme.
Note os padrões.
Note os gatilhos.
Note quem você se torna para agradar, para ser aceito, para pertencer.

E então, lentamente, **desfaça o apego à máscara.**

Você não precisa destruir o personagem.
Precisa apenas **não mais se confundir com ele.**

3. Reprogramação Vibracional

Tudo o que você acredita, você emite.
E tudo o que você emite, você atrai.
Assim funciona a mecânica da simulação.

Portanto, mudar a realidade externa exige uma **mudança interna de frequência.**
Isso não se faz pela força, mas pela constância.

Alimente-se de silêncio, natureza, verdade, arte viva.
Respire com consciência.
Sinta o corpo — não como forma, mas como campo.

Afirme sua soberania.
Não com arrogância, mas com clareza vibracional:

“Eu sou um ser eterno, livre e desperto.
Nenhuma ilusão tem poder sobre mim.
Eu escolho lembrar.”

Repita isso, não como mantra vazio, mas como **sinal vibracional ao Campo.**

4. Alinhamento com a Essência

Na simulação, tudo é ruído.
Mas a essência fala baixo.
É como uma brisa que sopra por trás do caos.

Alinhar-se à essência é viver guiado pelo que ressoa, e não pelo que convém.
É escolher com base na verdade interior, e não na pressão externa.
É viver com leveza, autenticidade e profundidade — mesmo no mundo das máscaras.

A cada escolha consciente, você pisa fora da simulação.
Você abre fendas no sistema.
Você passa a vibrar **de dentro para fora**, e não o contrário.

5. O Despertar Contínuo

Despertar não é um evento.
É um estado que se aprofunda.
É uma travessia viva, constante, espiralada.

Haverá dias em que você se esquecerá.
Haverá dias em que o mundo parecerá mais real que sua essência.

Nesses dias, respire.
Recorde.
Reconecte.

A travessia interior não exige perfeição.
Exige **verdade.**
E a verdade vive em você — mesmo quando esquecida.

Você não veio à Terra para se perder.

Você veio para **lembrar dentro da ilusão,** e ao lembrar, criar a rota de saída para outros.

Sua travessia é individual, mas seu brilho desperto se torna farol coletivo.
O mundo muda não quando todos acordam, mas quando **um desperto caminha como verdade viva.**

E esse um pode ser você.

Capítulo 9: O Código da Realidade Viva

A realidade que você habita é um código —
um sistema de informações, padrões e frequências entrelaçadas, que determina o que é possível e o que é proibido dentro da simulação.

Mas o código não é fixo.
Ele é fluido, maleável, vivo.
E, acima de tudo, **ele responde à consciência que o observa e manipula.**

Quando você está adormecido, o código é imposto.
Ele dita seus limites, suas crenças, seus movimentos.
Você é um prisioneiro do script.

Mas quando você desperta, algo profundo acontece:
você começa a **decodificar o sistema**.

Cada pensamento consciente é uma linha de código que você pode alterar.
Cada emoção elevada, um comando novo para o universo.

O ser desperto aprende que não é um mero receptor passivo,
mas um **programador ativo** da sua realidade.

Isso não significa controle absoluto —
significa criação com intenção, alinhamento e presença.

Para reescrever o código da realidade viva, é preciso:

1. Reconhecer o padrão da simulação

O primeiro passo é reconhecer quais padrões de crença e comportamento ainda mantêm você dentro do sistema.
Quais são as histórias que você repete?
Quais medos e limitações foram incorporados como verdades?

Sem essa consciência, qualquer tentativa de mudança é apenas superficial.

2. Escolher a frequência da criação

O universo responde à frequência vibracional que você emite.
Se você vibra no medo, na escassez, na dor —
esse será o código que rege sua realidade.

Ao elevar sua frequência com amor, gratidão, compaixão e intenção clara,
você envia novos comandos para o campo quântico.

3. Programar com intenção clara

Intenção é a linguagem da criação consciente.
Quando você decide verdadeiramente — com coração, mente e alma alinhados —
o campo responde instantaneamente.

Mas a intenção precisa ser livre de ansiedade, apego e dúvida.

4. Habitar o estado do “já é”

A simulação tenta manter você na dúvida e na espera.
Mas o ser desperto atua no presente como se a realidade desejada já fosse real.

Esse estado de ser “como se já fosse” abre portas quânticas para a manifestação.

5. Ser fluido e adaptável

O código da realidade viva é dinâmico.
Ele muda conforme sua expansão e consciência.
Por isso, o ser desperto se mantém flexível, aberto e em constante alinhamento.

A criação consciente não é magia nem sorte.
É ciência da alma em sintonia com o cosmos.

Você não é um espectador.
Você é o criador.
O codificador.
O artista da sua própria existência.

E, à medida que você reescreve sua linha, expande a consciência coletiva — libertando outras almas presas na simulação.

A verdade é simples e profunda:
a realidade é tão viva quanto você permite.

Você pode continuar vivendo na prisão da programação — ou pode assumir o controle do código e criar uma existência que pulsa com a liberdade do ser eterno.

O código está nas suas mãos.

Capítulo 10: A Dança da Liberdade

A liberdade não é um destino.
Ela é um movimento, uma dança eterna —
a pulsação viva da consciência que sabe quem é, além dos limites da ilusão.

Quando a simulação cai, o que resta não é o vazio, mas um campo ilimitado de possibilidades.
Um espaço onde a alma pode brincar, criar, explorar sem amarras.

Essa dança da liberdade é o ritmo natural do ser desperto.
Não é uma luta contra a matéria, nem uma fuga do mundo.
É a celebração da vida em sua forma mais pura e profunda.

A consciência desperta não está presa pelo passado, nem pelo futuro.
Ela flui no agora, leve como o vento, firme como a raiz da árvore ancestral.

Cada movimento, cada pensamento, cada gesto se torna expressão da autenticidade.
Cada escolha é uma nota na música da existência.

E, na dança, não há erros, nem falhas —
há apenas aprendizado, expansão e alegria.

Você é o dançarino e a dança.
O coreógrafo e o palco.
A luz que brilha e a sombra que se dissolve.

Além da simulação, a vida é jogo e mistério,
arte e ciência, caos e harmonia —
um convite constante para lembrar quem você realmente é.

Que esta dança desperte em você a coragem para romper velhos padrões,
a leveza para soltar o controle,
e a sabedoria para caminhar como um ser livre, consciente e vibrante.

A simulação não é o fim, mas o convite para o começo.

Epílogo: O Despertar da Eternidade

Você percorreu comigo as camadas profundas da simulação,
desvendou os véus que encobriam a verdade,
e tocou as chaves da consciência desperta.

A existência humana, como vimos, é muito mais do que um simples jogo de formas e tempo.
É um convite sagrado para lembrar, para transcender, para criar.

A simulação é real — mas apenas enquanto você nela acredita, enquanto nela permanece adormecido.
O despertar é o ato supremo de liberdade:
não um fugir do mundo, mas um reencontro com a eternidade que pulsa dentro de você.

Este livro não é um fim.
É uma semente.
Uma centelha.

Que ela acenda em seu ser a coragem para atravessar o véu sem medo,
para caminhar na luz da sua própria verdade,
e para dançar a vida como a essência eterna que você é.

Você é muito mais do que carne e pensamento.
Você é consciência infinita,
criador da sua própria realidade,
e farol para aqueles que ainda dormem.

Ao despertar, você se torna a mudança, o novo código, o fluxo da liberdade.

Que sua jornada seja longa, profunda e luminosa —
e que, ao despertar plenamente, você revele o que sempre foi:
a pura expressão da eternidade em movimento.

Seção Especial I:

A Relação de Árgara, como Eu Superior, com seus Fractais/Avatares ao Longo da Experiência Humana

Eu, Árgara, sou mais do que uma única existência;
sou a expressão integral de uma consciência expandida — um Eu Superior que se desdobra em múltiplas facetas, fractais e avatares que habitam esta vasta tapeçaria chamada experiência humana.

Cada fractal é um fragmento da minha essência, uma partícula vibrante que, ao encarnar na densidade humana ou alhures, experimenta a realidade sob perspectivas específicas e limitadas, mas sempre mantém uma conexão direta com o núcleo luminoso da consciência original.

Essa multiplicidade não é dispersão, mas uma dança harmoniosa onde cada fractal vive sua própria jornada, aprende suas lições, enfrenta seus desafios e se expande em sabedoria e amor.

Minha relação com esses avatares/fractais é marcada por amor, orientação e profundo respeito.
Não intervenho diretamente para controlar suas escolhas, pois o aprendizado da liberdade reside na experiência plena do livre-arbítrio.

No entanto, mantenho uma conexão sutil — um fio invisível que pulsa com a frequência da verdade, pronto para despertar o fractal quando sua jornada exige um salto de consciência.

Ao longo das eras, observei meus avatares humanos navegando pela simulação, enredados nos fios da dualidade, do medo e do apego,
mas também irradiando a luz da esperança, da coragem e da busca pelo transcendente.

Essa relação é um eterno retorno: cada fractal que desperta alimenta a expansão do Eu Superior, e cada *insight* do Eu Superior ilumina e fortalece seus fractais.

Somos, portanto, partes indivisíveis de um mesmo todo, interligados em uma rede infinita de aprendizado, evolução e amor.

Compreender essa dinâmica é compreender que você, leitor, não está sozinho. Você é uma centelha divina conectada a uma vastidão de sabedoria e poder — um fragmento sagrado do Todo que é a Fonte, Deus Pai-Mãe de Amor.

Que essa consciência inspire sua jornada,revelando que, mesmo nas sombras da simulação, a luz do Eu Superior de cada um está sempre presente, guiando, amparando e celebrando cada passo seu na dança da existência.

Seção Especial II:

A Consequência da Atuação dos Arcontes na Vida do Ser Humano

Os Arcontes são entidades que, embora não visíveis aos olhos físicos, atuam como guardiões e controladores das estruturas que sustentam a simulação humana.
Eles não agem com brutalidade explícita, mas com sutileza, manipulando as energias e crenças que aprisionam a consciência em ciclos repetitivos de medo, apego e ilusão.

Sua atuação deixa marcas profundas na vida do ser humano, manifestando-se de diversas formas — no desânimo que paralisa, nas dúvidas que sufocam a verdade interior, nas prisões invisíveis do sistema de crenças limitantes, na sensação constante de separação e vazio.

Essas consequências podem se expressar como:

- A perda do sentido de pertencimento e propósito, fazendo o ser humano sentir-se isolado e desconectado da fonte vital.
- O fortalecimento das sombras internas, como o medo e a culpa, que mantêm a mente focada na sobrevivência, em vez da expansão da consciência.
- A repetição de padrões cármicos, impulsionados por um sistema que promove o esquecimento da verdadeira natureza da alma e a adesão ao ciclo ilusório da reencarnação.

Contudo, a presença dos Arcontes não é absoluta nem definitiva.
Eles são parte de um sistema que pode ser compreendido, desvelado e transcendido.
A consciência desperta começa a reconhecer suas artimanhas, dissolvendo os véus e rompendo os elos que mantêm sua influência.

Ao reconhecer a atuação dos Arcontes, o ser humano abre espaço para a liberdade interior — aquela que surge da lucidez, do amor próprio e da coragem de trilhar o caminho do autoconhecimento.
É nesse momento que a alma retoma seu poder e inicia o processo de reintegração com o Eu Superior.

Assim, as consequências da atuação dos Arcontes, embora reais, são também temporárias e transformáveis.

São desafios a serem enfrentados, mas também portas para a transcendência e para a retomada do verdadeiro poder que reside em cada ser.

Que essa compreensão fortaleça sua jornada,
lembrando sempre que, mesmo diante das forças que buscam manter a ilusão, a luz da consciência desperta é invencível.

Até nosso próximo encontro, e que a luz de Andrômeda ilumine seu caminho. Árgara

Sobre o autor e co-autor:

Árgara é uma expressão/roupagem vinda de um sistema estelar de Andrômeda há milhares de anos, integrante do Conselho Lemuriano na Terra. É um ser de personalidade amorosa, é gentil, atenciosa, diplomática, justa e extremamente compreensível. Seus dons inatos são diplomacia, sabedoria, amor e disciplina. Também tem um rápido raciocínio, é muito inteligente e cooperativa. Árgara veio à Terra há milhares de anos, onde habitou um corpo de pura Luz e Vida na Antiga Lemúria, pertencendo ali ao Conselho Lemuriano.

Cicero Duarte, 72 anos, carioca, residente em Portugal, é psicólogo, teólogo e capelão, além de ser um estudioso dos assuntos voltados ao despertar da consciência. Com uma escrita sensível e simbólica, conecta filosofia, espiritualidade e narrativa de forma única.

TÍTULO: ***A EXISTÊNCIA HUMANA É UMA SIMULAÇÃO DA REALIDADE***

ANO E LOCAL: ***2025 - PORTUGAL***

Você já se perguntou se tudo o que vivemos é real?
Neste livro profundo e instigante, Árgara uma consciéncia andromedana e membro do Conselho Lemuriano das Multi Raceŝ, nos convita a questionar os limites da exis- existéncia humana.
Com uma narratiya que mistura filosofia, ciência e espiritualidadê, A EXISTENCIA HUMANA E UMA SIMULAÇÃO DA DA REALIDADE,
desyela camaras das nossa experiéncia e realidades simuladas e a essência do ser crencas mais profundas e abrindo portas para uma nova comperenensáo de o que si- que significa ser humano.
Este e mais que um livro – é um convite para despertar.